



A COLECÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ISCED-HUÍLA: UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

Soraia Santos Ferreira

Docente ISCED-Huíla

Resumo:

A região Sul de Angola surge, na literatura de especialidade publicada em meados do século XX, como uma região por “descobrir” no que toca à arqueologia. Foi nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado que as pesquisas arqueológicas se tornaram mais intensas revelando a existência de inúmeros sítios arqueológicos desde a Pré-História à Idade do Ferro, falando apenas dos períodos mais recuados da História. O espólio arqueológico que se encontra à guarda do ISCED-Huíla é o resultado de muitas dessas pesquisas. Por ser uma colecção bastante significativa do ponto de vista quantitativo, composta por milhares de peças, há a necessidade de se perceber a origem desse material, de agrupá-lo tendo em conta a sua

proveniência, cronologia, função e tipologia. O trabalho que nos propusemos levar a cabo teve início em 2015 tendo, metodologicamente, que passar por diversas fases: (i) identificação de zonas de proveniência; (ii) lavagem e acondicionamento das peças; (iii) início do inventário e catalogação do espólio por zona de proveniência; (iv) estudo das várias colecções. A finalidade deste trabalho de pesquisa é, por um lado identificar zonas de proveniência com vista ao mapeamento de sítios arqueológicos perfeitamente identificados; a inventariação, catalogação e estudo de toda a colecção e, por outro, a criação de um Museu arqueológico associado ao ISCED-Huíla.

De 2015 a 2018 o trabalho realizado foi meramente técnico e é a ele que dedicamos esta nota de pesquisa.

Palavras chave: Arqueologia, projecto de investigação, inventário, pesquisa

Abstract:

The Southern region of Angola was referred to, in specialist archeology literature published in the middle of the 20th century, as a region "to discover". It was in the 1950s, 1960s and 1970s that archaeological research became more intense, revealing the existence of numerous archaeological sites from Prehistory to the Iron Age, speaking only of the most ancient periods of history. The archaeological treasure that is guarded by ISCED-Huíla is the result of much of this research. Because it is a very significant collection from a quantitative point of view, composed of thousands of pieces, it is necessary to understand the origin of this material, and to group it according to its

provenance, chronology, function and typology.

The work we set out to do began in 2015, having gone through several methodological phases: (i) identification of areas of provenance; (ii) washing and conditioning of the parts; (iii) beginning of the inventory and listing of the estate; (iv) study of all collections.

The purpose of this research is, on the one hand, to identify areas of provenance for the mapping of perfectly identified archaeological sites: the cataloging and study of the entire collection and, on the other hand, the creation of an archaeological museum associated to ISCED-Huíla.

From 2015 to 2018 the work done was purely technical and it is about that work that this research note refers to.

Keywords: archeology, research project, inventory, research

Introdução

A investigação arqueológica em Angola começa a revelar os primeiros resultados com a publicação do estudo científico a respeito da Pré-História, *Primeiros vestígios do período Neolítico no Estado de Angola*, publicado em 1890 e cuja autoria esteve a cargo de Ricardo Severo. (JORGE, 1973)

No entanto, o verdadeiro arranque da investigação arqueológica em Angola deveu-se ao inquestionável contributo de Jean Janmart, Fernando Mouta, L. Leakey, José Redinha, H. Breuil e Camarate França que, a partir de meados do século XX, começam a realizar prospeções sistemáticas e algumas escavações, especialmente na zona de Luanda e da Lunda.

“(…) Camarate França realizou de 1950 a 1953, em Angola, sobretudo na região de Luanda e no Sul, alguns trabalhos importantes, ora integrado na Missão Antropobiológica de Angola (...), ora sob o patrocínio do Governo Geral das Colónias. Outros dos autores citados puderam trabalhar em Angola devido ao apoio concedido pela Companhia de Diamantes, que em 1946 encetou as suas publicações culturais com um trabalho de arqueologia Pré-Histórica, da autoria de Jean Janmart. (...) Um outro trabalho deve, entretanto, ser destacado: o de Museu dos Serviços de Geologia e Minas de Luanda, em relação com o qual foram possíveis os estudos pioneiros do Eng. Fernando Mouta (...) e posteriormente, de Sousa de Carvalho, Mascarenhas Neto e outros. Foi a colecção arqueológica que resultou destes estudos de campo recolhida naquele Museu, que permitiu, juntamente com as do Museu do Dundo e da Missão Antropobiológica, a elaboração das primeiras sínteses da Pré-História de Angola. Uma destas intitulada *Introdução à Pré-História de Angola* devemos-la a Henri Breuil e António Almeida e foi apresentada ao Congresso Pan-Africano em 1959 e publicada em português em 1964 e a segunda, de maior fôlego, foi elaborada por J. Desmond Clark para a Diamang e impressa em 1966 com o título *The Distribution of prehistoric culture in Angola*” (JORGE, 1973, p.150).

A grande maioria das publicações em arqueologia acontece nas décadas de 50, 60 e 70 do mesmo século. Falamos dos dois volumes da Junta de Investigação do Ultramar, *Estudos*

sobre a *Pré-História do Ultramar Português*, 1960-1964, e em 1963 os dois volumes de síntese dos trabalhos efetuados na Lunda, sob a coordenação de Desmond Clark.

Fazendo um apontamento de outros trabalhos de referência, Vitor Oliveira Jorge (1974), refere-se à importância dos trabalhos de J. A. Martins que cartografou, em 1959, as estações arqueológicas conhecidas em Angola; o de O. Davies, que em 1958 estudou algumas formações de praias elevadas em Angola relacionando-as com as do Sudoeste africano, o de João Vicente Martins que em 1966 abordou aspectos sobre a Idade dos Metais na Lunda e o de Adriano Vasco Rodrigues que em 1968 publicou o artigo *As construções Bantas de pedra em Angola*.

É importante ainda referir o contributo do Prof. Santos Júnior com destaque para os trabalhos realizados sobre a arte Rupestre em Angola, de Vitor Oliveira Jorge cujos trabalhos de prospecção revelaram a existência de inúmeras estações arqueológicas no Sudoeste de Angola e de Carlos Ervedosa e a sua *Arqueologia Angolana* publicada em 1980.

A respeito da colecção arqueológica do ISCED-Huíla pouco se sabe. Relativamente à sua formação temos colocado a hipótese de esta ser fruto de alguns dos trabalhos referidos anteriormente, ou seja, de recolhas efectuadas nas décadas de 60/70 do século XX. Acredita-se que as mesmas tenham envolvido investigadores como Vitor Oliveira Jorge, Alberto Machado da Cruz, Adriano Vasco Rodrigues e estudantes da então Faculdade de Letras do Lubango que, nessa altura, realizavam trabalhos de campo com vista a identificação de zonas de interesse arqueológico na região.

Sabe-se que o espólio que a compõe pertenceu à Faculdade de Letras do Lubango, fundada nos anos 60 do século passado, onde foi alvo de um primeiro trabalho de inventário e catalogação, do qual os registos se perderam. Com a extinção da FLL, em 1979, e fundação do Instituto Superior de Ciências da Educação em 1980, a colecção, que entretanto se tinha formado, passa a pertencer ao Instituto recentemente criado, aguardando, desde então, por uma intervenção científica de investigadores na área da Arqueologia.

Em 2015 o Departamento de Ciências Sociais do ISCED, reconhecendo o valor científico da colecção, em colaboração com a Prof. Soraia Ferreira (arqueóloga/museóloga), apresenta à Direcção do ISCED um projecto de investigação que visa:

- (i) Identificar as zonas de proveniência do espólio e possíveis zonas de dispersão de materiais dentro da mesma área geográfica.
- (ii) Inventariar e catalogar as peças por estação arqueológica.
- (iii) Estudar o espólio tendo em conta o seu período cronológico, técnica de fabrico, tipologia e funcionalidade, procurando estabelecer um padrão de povoamento antigo nas suas zonas de recolha.
- (iv) Mapear os sítios arqueológicos indicados como locais de proveniência do espólio contribuindo, com essa informação, para a elaboração de futuras cartas arqueológicas das regiões de proveniência do material.
- (v) Criação de um museu arqueológico associado ao ISCED-Huíla.

A colecção e as fases da pesquisa

A colecção arqueológica encontra-se num gabinete ao qual atribuímos, provisoriamente, a designação de Gabinete de Arqueologia. É composta por milhares de instrumentos líticos da Pré-História, por um número mais reduzido de peças cerâmicas, fragmentos de ossos, alguns fósseis e algumas cabeceiras de sepultura *Mbali*⁽¹⁾.

Tratando-se de um número elevado de material com tipologias, funções e cronologias distintas, foi necessário, em primeiro lugar, organizar o espaço, agrupar materiais tendo em conta as suas especificidades e fasear o trabalho a realizar.

Desta forma o trabalho será efectuado em 4 fases, (i) lavagem, acondicionamento e organização do espaço; (ii) inventário e catalogação das peças por zona de proveniência; (iii) mapeamento e estudo das diversas colecções; (iv) a criação de um Museu Arqueológico associado ao ISCED-Huíla. Das quatro fases aqui referidas a primeira está já concluída, encontrando-se em curso a segunda fase dos trabalhos.

Fase I – Lavagem e acondicionamento das peças e organização do espaço

Quando iniciamos o trabalho foi necessário perceber como estava organizado o Gabinete de Arqueologia e encontrar uma forma de trabalhar sem descontextualizar as peças que, na sua maioria, se encontravam dispersas no espaço, sem qualquer lógica do ponto de vista

da sua organização. O material encontrava-se em caixas de madeira identificadas com nomes de localidades.

- (1) Arte funerária da região do Namibe, Angola. Constitui uma fusão de traços culturais europeus e africanos. As suas peças características são cabeceiras de sepultura, ou cruzetas funerárias com elementos da vida do defunto.

Partindo do princípio que estes nomes correspondem às zonas de proveniência do material houve necessidade de, em primeiro lugar, agrupar todo o material, respeitando as referências encontradas nas caixas, ao que se seguiu a lavagem e acondicionamento das peças, sua devida organização no espaço já com o material agrupado por zonas de proveniência.



Imagem 1 – Aspecto geral do Gabinete antes do início do projecto.



Imagem 2 – Gabinete de Arqueologia no decurso da primeira fase dos trabalhos



Imagem 3 – Organização do espólio por zona de proveniência

A conclusão desta fase permitiu-nos identificar vinte e seis estações arqueológicas e perceber que a grande maioria delas se distribui pelas Províncias da Huíla, Benguela e Namibe. Destas vinte e seis estações existem, ainda, três por localizar.

À Província da Huíla correspondem dez estações: a estação arqueológica do Munhino; estação da Leba; do Sto. António; do *Jau*; dos Barracões; de “Sá-da-bandeira”; Rio Capitão; Mitcha; Mucuiu e Rio Ongolo. À de Benguela pertencem oito estações: a do Alto da Catumbela; a da *Quitavava*; a de *Pumbala*; Abrigo 1 da Ganda; *Luue*; Baía Farta; Sombreiro e *Ebanga*. Ao Namibe, por sua vez, correspondem cinco estações: *Capangombe*; Baía das Pipas; Bibala; Giraul e Ponta Negra. As três restantes e que se encontram por localizar, estão identificadas com os nomes de *Chango*; Mina da *Calunda* e *Ngongomba*.



Imagem 4 – Mapa de Angola com destaque para as Províncias onde se localizam as estações arqueológicas identificadas no Gabinete de Arqueologia. In Google mapas, 7/02/2019

Fase II – Inventário de coleções por zona de proveniência do material

Concluída a primeira fase do trabalho passou-se à segunda, ainda em curso, e que implica o inventário e catalogação de toda a colecção.

É importante referir que, em Arqueologia, o inventário é bem mais que a simples contabilização de peças com valor histórico ou museológico. Segundo SILVA e SILVA (2016) a sua importância ultrapassa a necessidade imperiosa da quantificação de colecções sendo entendido, acima de tudo, como uma ferramenta descritiva que permite conhecer as particularidades e potencialidades das mesmas.

Tendo em conta as especificidades da colecção geral, que conta com milhares de peças provenientes de diferentes estações arqueológicas, entendeu-se inventariar o espólio devidamente enquadrado na sua zona de proveniência. Assim, entre as vinte e seis estações identificadas iniciou-se o trabalho de inventário pela estação arqueológica da Leba, Província da Huíla.

Para dar início ao inventário foi necessário associar a colecção à instituição a que pertence e ao projecto de investigação em curso. Passou, então, a identificar-se o projecto de investigação com a sigla MA (Material arqueológico) e a instituição a que pertence com a sigla do ISCED- H (Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla), ficando o projecto de investigação associado à sigla MA-ISCED-H.

O inventário em si passa pela marcação das peças, uma a uma, e pelo preenchimento de uma ficha de inventário. Cada peça possui a sua própria ficha.

A marcação das peças tem como objectivo a sua fácil identificação dentro de uma determinada colecção e a sua associação a uma ficha onde constam informações mais detalhadas como o período cronológico, função, tipologia da peça, entre outras.

No caso do espólio do ISCED-Huíla o inventário obedece a:

- (i) Marcação da peça com a designação do projecto de investigação, indicação do local de proveniência da peça, o número de inventário e a referência ao ano em que está a ser feito o inventário.

Exemplo: MA-ISCED-H

Leba-01-2018

- (ii) A marcação é feita com tinta da china sobre uma camada de verniz. Depois de gravada, a informação é selada com uma nova camada de verniz que finaliza a marcação.

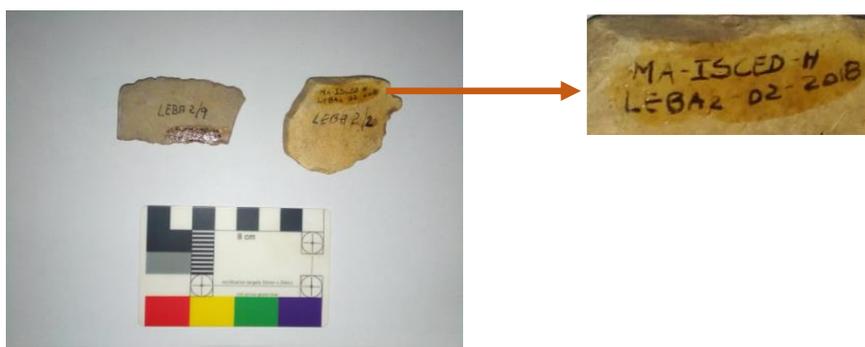


Imagem 5 –pormenor de marcação de uma peça da Leba2 aquando da realização do inventário

- (iii) Preenchimento da ficha de inventário com os seguintes campos obrigatórios: instituição a que pertence a peça; nº de inventário; localização da peça; categoria;

tipologia; função e uso; cronologia; local de recolha; ano de recolha; descrição da peça; medidas da peça; referências bibliográficas; número da fotografia; data e assinatura do técnico responsável pelo preenchimento.



Imagem 6 – Preenchimento da ficha de inventário

O número de inventário é sequencial, cada peça é marcada individualmente e para cada uma é preenchida uma ficha.

A este trabalho dever-se-á seguir a catalogação das peças e o seu estudo, fase que se seguirá à que está em curso.

A estação arqueológica da Leba

Como se referiu anteriormente, aleatoriamente, entendeu-se iniciar o inventário pelo espólio da estação Arqueológica da Leba. Uma primeira análise ao material permitiu-nos verificar que o mesmo foi alvo de um primeiro inventário uma vez que grande parte das peças possui marcação anterior efectuada no ano de 1973. Embora não se tenha encontrado as fichas iniciais é possível identificar, tendo como base a primeira marcação de que foram alvo, cinco sítios arqueológicos dentro da Estação Leba. As marcações Leba, Leba1, Leba2, Leba3 e Gruta 1 da Leba sustentam a ideia de que as peças poderão pertencer a cinco sítios dentro da mesma estação.

Neste conjunto de materiais chamou-nos particular atenção as peças com marcação Gruta 1 da Leba. Por haver, neste conjunto, peças com indicação de profundidade acreditamos

que poderão ter sido realizadas sondagens no local, identificadas com v1 e v2, que supomos tratar-se da designação para vala1 e 2 respectivamente. Apenas novos trabalhos de campo poderão confirmar as hipóteses hoje levantadas.

O inventário do material da estação Leba revelou existir um total de 419 peças líticas; 33 fragmentos de cerâmica; 4 fragmentos de osso animal e 7 conchas. Desse material, às peças marcadas com Leba correspondem a 86 peças líticas; à Leba1, 132 peças líticas; à Leba2, 73 peças líticas e à Leba3, 38 peças.

Todos os fragmentos de cerâmica contabilizados possuem indicação de serem provenientes da Gruta 1 da Leba, bem como os fragmentos de osso e as conchas.

Primeiros resultados provisórios

Os resultados aqui apresentados são resultados provisórios sujeitos a novas abordagens e conclusões.

Embora muito incipientes, tendo em conta a dimensão da colecção, os primeiros resultados desta pesquisa prendem-se essencialmente com a identificação de vinte e seis estações arqueológicas e com a possibilidade de as enquadrar geograficamente em territórios bem definidos, Províncias da Huíla, Benguela e Namibe.

O início do inventário a uma das vinte e seis estações identificadas no Gabinete de Arqueologia, a estação arqueológica da Leba, revelou, não só, o número de peças dali provenientes, mas também a existência de possíveis cinco sítios arqueológicos dentro da estação, Leba, Leba1, Leba2, Leba3 e Gruta 1 da Leba.

Pretende-se dar continuidade ao trabalho de inventário que deverá abranger as restantes estações, após o qual se iniciará o estudo pormenorizado de cada uma delas.

Relatórios de progresso serão apresentados com os resultados preliminares do trabalho efectuado com o material de cada uma das restantes 25 estações por inventariar.

É importante termos presente que a confirmação da existência das estações arqueológicas existentes no Gabinete de Arqueologia passará, inevitavelmente, por trabalhos de prospecção arqueológica nas localidades indicadas como zonas de proveniência do material.

Esta nota de pesquisa é, assim, o resultado de trabalhos técnicos que se pretendem estender a toda a colecção com o fim último da criação de um museu arqueológico que poderá ser um “laboratório” para outras e novas pesquisas na arqueológicas na região Sul de Angola.

Referências Bibliográficas

BREUIL, H, e ALMEIDA, A., Introdução à Pré-História de Angola, *Junta de Investigação do Ultramar Português*, vol. II, pp.159-163, 1964.

ERVEDOSA, C. *Arqueologia Angolana*. Ministério da Educação, Luanda, 1980.

JORGE, V., Novas estações arqueológicas do Sudoeste de Angola, *Revista Guimarães*, nº85. Pp-109-126, 1975.

JORGE, V. Breve introdução à Pré-História de Angola. *Revista Guimarães*, vol. LXXXIV, Nº 1-4, pp149-170, 1974.

MATOS, D. «Review of the Stone Age Archaeology in Southwestern Angola», *Africana Studia*, nº 24, pp 41-45, 2015.

SILVA, L e SILVA, M. *Acervos Arqueológicos Pré-Históricos: o inventário como ferramenta essencial de uma política de gestão*. IV Seminário de Preservação do Património. Rio de Janeiro, 2016.

Como citar este artigo:

Ferreira, Soraia Santos ; A colecção arqueológica do isced-huíla: um projecto de investigação. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". Nº 15, Abril, 2019, pp. 433-444
Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41865.